



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES "OSMAR DE AQUINO"
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/ INGLÊS**

LUDMILLA DO NASCIMENTO CAMPELO

AS INTERFACES DO CAPITALISMO EM *GRANDES ESPERANÇAS*

GUARABIRA

2019

LUDMILLA DO NASCIMENTO CAMPELO

AS INTERFACES DO CAPITALISMO EM *GRANDES ESPERANÇAS*

Artigo de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras Inglês.

GUARABIRA-PB

2019

LUDMILA DO NASCIMENTO CAMPELO

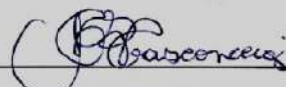
INTERFACES DO CAPITALISMO EM GRANDES ESPERANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras/ Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento às exigências necessárias para a obtenção do grau de licenciado.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 30/04/2019.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr^a. Sueli Meira Liebig
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C193i Campelo, Ludmilla do Nascimento.
As interfaces do capitalismo em Grandes Esperanças
[manuscrito] / Ludmilla do Nascimento Campelo. - 2019.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida
Vasconcelos, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Capitalismo. 2. Crítica Social. 3. Personalidade. I. Título
21. ed. CDD 306.6

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado durante todo o percurso da graduação em Letras Inglês.

Agradeço à minha família, minha mãe, Maria Telma, meu pai, José Campelo, minha irmã, Laédina, meu cunhado, Cláudio, e meu namorado Moisés, por todo o apoio, suporte e carinho, pois sem os mesmos, acredito que não chegaria aonde estou.

É um momento de gratidão para com aqueles com os quais compartilhamos conhecimentos e momentos de grandes alegrias no decorrer do curso.

Carinhosamente agradeço à minha orientadora, Clara Mayara de A. Vasconcelos, pelo seu esmero e dedicação durante o período de aulas e agora, como orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus colegas de classe, Matheus dos Santos e Társila Lorena, agradeço pelos momentos compartilhados, os quais guardarei com muito carinho e apreço.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 CHARLES DICKENS E	08
GRANDES ESPERANÇAS:		
BREVES CONSIDERAÇÕES		
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
4 ANÁLISE	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6 REFERÊNCIAS	26

AS INTERFACES DO CAPITALISMO EM *GRANDES ESPERANÇAS*

Ludmila do Nascimento Campelo¹

RESUMO

O presente artigo busca compreender como a personalidade do narrador Pip muda à medida que ele ascende socialmente, evidenciando a crítica político-social de Charles Dickens, em sua obra *Grandes Esperanças*. Esta análise será realizada por meio das percepções e observações feitas pelo narrador-protagonista através do contato dele com pessoas que cobiçam apenas riquezas e como este fato conseguiu moldar a personalidade de um garoto residente na zona rural da Inglaterra. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, a qual se valeu das contribuições de autores tais como, Catani (1981), Chiappini (1985), Friedman (2002), Gancho (2002) Pellegrini (2007), Puglia (2008), entre outros. Ao longo da narrativa, observa-se que o narrador-protagonista começa a conhecer o que o mundo capitalista pode oferecer e deslumbra-se com o mesmo, criando expectativas sobre um futuro próspero, o qual lhe trará grandes conquistas e posses. Essas expectativas viram realidade, em parte; mas, por outro lado, o jovem deixa para trás seus amigos e família, tratando-os como inferiores, usando-os para seus próprios interesses. Embora perceba essa mudança drástica de sua personalidade, o rapaz nada faz sobre isso, pois a satisfação de ser um nobre de Londres está acima de qualquer vínculo afetivo. Compreendendo tarde demais que, na verdade, não é possuidor de nada daquilo que tanto se orgulhava, e muito menos era dono do amor de Estella, a menina por quem se apaixona ainda criança, a responsável por fazê-lo sonhador e por perder-se em suas esperanças.

Palavras-chave: Capitalismo. Crítica social. Personalidade.

1 INTRODUÇÃO

Para compreender como se desenvolve a narrativa do romance *Grandes Esperanças*, de Charles Dickens, é preciso entender que na Inglaterra vitoriana (séc. XIX) a sociedade encontrava-se em uma nova fase do capitalismo, e era comum que esta mudasse de acordo com as transformações econômicas e tecnológicas da época.

O poderio da Inglaterra crescia cada vez mais nesse período, com numeroso enriquecimento, principalmente porque estava explorando as terras da África,

¹ Graduanda do oitavo período do Curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Centro de Humanidades.
E-mail: ludmillacampelo@hotmail.com

Oceania e Ásia. Foi durante esse período que a autoridade da coroa inglesa foi reestabelecida, junto com a ascensão da classe burguesa.

O autor trabalha ainda com o velho adágio popular que assegura que “o que vem fácil, vai embora fácil”, assim que Pip se vê dono de si pela primeira vez, em um cenário onde o que ele quiser, pode pagar, deslumbra-se com essa visão de que tudo sempre será assim, e de que o seu dinheiro é infinito, pelo menos na sua consciência. Esses são os perigos de uma ascensão social demasiado rápida, Dickens também inclui o pensamento de que tem que trabalhar duro para se conseguir algo que possa chamar de seu.

O objetivo do presente artigo é fazer uma abordagem de como o narrador-protagonista do livro *Grandes Esperanças* de Charles Dickens, Philip Pirrip, ou Pip, é influenciado pela sociedade capitalista e muda suas impressões sobre a sociedade e os que estão ao seu redor no decorrer da obra. Conforme o tempo vai passando, ele vai tornando-se cada vez mais ambicioso, criando ilusões de uma vida perfeita, e quando finalmente percebe que nada está de acordo com o que imaginou, ele não sabe como reagir diante das circunstâncias que lhe apresentam, pois está fascinado por suas esperanças.

Grandes Esperanças — assim como outras obras de Charles Dickens — é uma crítica social à Inglaterra da época por meio da representação de uma classe social rica que só visa o lucro e menospreza as classes socialmente inferiores. Sociedade essa que faz até mesmo um rapaz que vive na zona rural deslumbrar-se diante da perspectiva de uma vida cheia de sonhos, aventuras e prazeres. A partir de então, o jovem tende a desprezar seus antigos companheiros do campo, passando a considerar dignos de sua companhia apenas os nobres de Londres.

Esses traços estão apontados no romance quando Dickens cria Pip, que herda uma herança milionária e muda completamente sua personalidade e atitude para com os seus amigos, e até para com Estella, seu grande amor, e sua família, em especial para com seu cunhado Joe e esposa que o criaram.

Notemos abaixo um trecho de como as diferenças sociais são mostradas na narrativa, segundo P.A.G. Nicoli (2015):

Os resultados concretos das injustiças sociais se manifestam, assim, nas próprias escolhas e mesmo nas frustrações das esperanças construídas em um terreno marcado por desigualdades. Ao mesmo tempo, a complexidade psíquica dos personagens de Dickens e a face menos evidente da justiça nos comportamentos humanos em situações extremas podem levantar

contrapontos possíveis, em que as noções de objetividade e o desiderato último de remoção de injustiças sejam postos à prova (NICOLI, 2015, p. 50).

O romance de Dickens, de acordo com Nicoli (2015), aponta diferenças sociais no meio em que os personagens principais estão. Tais diferenças são características da época que se refletem nas próprias escolhas e talvez no modo de vida em que se quer levar, diante de uma sociedade desigual.

2 CHARLES DICKENS E GRANDES ESPERANÇAS: BREVES CONSIDERAÇÕES

Charles John Huffam Dickens nasceu em Landport, Portsmouth, Inglaterra, em 7 de fevereiro de 1812, e veio a falecer em 9 de junho de 1870. Dickens começou a questionar os males da era vitoriana a partir de sua obra *Oliver Twist* (1837), na qual critica a sociedade e seu estilo de vida, bem como a situação financeira e a precariedade dos pobres. Foi um dos principais e mais conhecidos escritores que promoveram críticas sociais ao capitalismo por meio de obras literárias não seu país. Esses questionamentos e manifestação contra a época devem-se, em parte, ao passado; quando ainda criança, aos doze anos, começou a trabalhar em uma fábrica que produzia graxa para sapatos, pois seu pai fora preso por dívidas, quando tentava escondê-las, procurando viver de aparências ao mostrar que continuava em uma posição social mais alta.

Alguns anos mais tarde, seu pai viria a receber uma herança, que tiraria a família da pobreza, mas ainda assim Dickens continuou a trabalhar na fábrica, por ordens de sua mãe. O mesmo guardou muito rancor de sua mãe por tê-lo submetido à condições precárias de trabalho sem necessidade. Observa-se que há um diálogo entre a vida do escritor, as suas próprias experiências e a forma que o mesmo utiliza para moldar a realidade da personagem de Pip. Há uma relação autobiográfica entre a vida do autor e a história de Pip, visto que o garoto reflete, por meio do texto literário, o contexto sócio-histórico-cultural da sociedade inglesa contemporânea ao escritor. Conforme apontam Cevasco e Siqueira (1999, p. 55-56):

Há de tudo em Dickens: o humor, já em sua primeira obra, *Pickwick Papers*, em que narra as aventuras quixotesco de Mr. Pickwick e seu impagável criado Sam Weller; a consciência do poder do Mal em *Oliver Twist*; o sentimentalismo e a denúncia social nas desventuras de *David Copperfield*; a crítica as severas escolas vitorianas em *Nicholas Nickleby*; o ataque ao poder do dinheiro em *Bleak House* e *Great Expectations*, este último talvez o mais bem estruturado de seus romances.

O romance *Grandes Esperanças* foi a princípio publicado entre dezembro de 1860 e agosto de 1861. Sua ação se passa na Inglaterra no século XIX, a qual era a maior potência mundial da época. Podemos perceber que alguns acontecimentos na narrativa são traços que se deram, ou se intensificaram com a Revolução Industrial no país, iniciada em meados do século XVIII.

Destarte, à medida que a Inglaterra foi aumentando seu poderio econômico com a ascensão da era tecnológica, a sociedade da época também foi se moldando de acordo a situação vivenciada no país, como o predomínio dos valores materiais simbolizados pela filosofia capitalista e que se refletem na sociedade vitoriana em forma de verdadeiras chaga sociais: prostituição infantil, alcoolismo, drogas, crimes, exploração de mão de obra infantil, poluição, inchaço das cidades, e com isto o desemprego e a miséria.

Em *Grandes Esperanças* vemos um exemplo de romance de formação. Como o próprio nome já nos sugere, acompanhamos a trajetória da personagem principal desde sua infância até a vida adulta, presenciamos suas mudanças físicas e psicológicas com o passar do tempo. O leitor, portanto, pode embarcar na jornada de crescimento da personagem e compreender como a mesma se molda ao longo de seu desenvolvimento na narrativa.

A literatura, enquanto produto social, representa elementos da sociedade e as obras de Dickens não fugiram a isso, pois retratam a hierarquia de classes, ou seja, a distância entre ricos e pobres. Essas construções norteiam como as sociedades devem se constituir e os papéis sociais de cada indivíduo que, no caso do romance, demonstra como a vida de pessoas ricas se diferem da de pobres, uma vez que as primeiras pré-determinam socialmente o lugar das segundas. Desse modo, com o advento da tecnologia, o desejo de ascender social e economicamente intensificou-se entre as camadas mais baixas da sociedade.

Com isso, Dickens tece uma crítica profunda sobre uma sociedade que prezava mais pelo seu próprio sucesso e posses do que sua índole. Para muitos, esse é o motivo principal de *Grandes Esperanças* ser considerada a melhor obra de Dickens. A temática abordada no romance ainda representa a sociedade contemporânea, como os fatores sociais influenciam o comportamento das pessoas, as expectativas e ilusões de fazer parte de um meio social financeiramente elevado e estável.

Sem dúvida, a crítica social de Dickens não é pioneira ou radical. Os males sociais apresentados em seus romances não eram novidade para os leitores e nem a maneira de apresentá-los incitava abertamente à rebelião. Todavia, vista de um ângulo mais amplo, a filosofia de Dickens é revolucionária: tudo o que, na vida social, impede a solidariedade e a generosidade é condenado. Segue-se que, num sentido mais profundo, toda a sociedade vitoriana e a nossa, herdeira daquela, precisam de reformas. A nível do simbólico, perpassando a estrutura superficial de muitos de seus romances, está o sentido do horror a um tipo de vida que destrói o que há de melhor no homem (CEVASCO; SIQUEIRA, 1999, p. 56).

Grandes Esperanças faz parte do chamado romance tradicional do século XIX, que foi substituído pelo Nouveau Roman (ou Novo Romance), que carrega consigo aspectos cruéis, com detalhes. No romance tradicional de Dickens, tudo gira em torno da sua imagem humana, seu herói, Pip, que também é seu narrador. De acordo com Silva e Moreira (2009), essa característica heroica de uma personagem central fora deixada de lado com a chegada do Novo Romance.

Dickens também evidencia em seu romance outra marcação notória do tradicional, a fé obcecada na civilização e na ciência. Isto se deve, principalmente, por esse período ser pós revolução industrial, pois, seguindo as teorias de Karl Marx (apud Catani, 1981), o capitalismo é um modo de produção de produtos, o qual se fez ainda mais intenso e atingiu seu auge durante esse período de inovações tecnológicas da Inglaterra.

Na obra, uma das características mais perceptíveis é a presença do realismo, pois há uma ideologia firme que engloba qualquer manifestação artística que se assemelhe ao que está acontecendo no período em que foi feito. Ian Watt (1990) pensa no realismo como um aspecto indispensável de um romance, visto que essa manifestação carrega consigo elementos históricos e transições sociais.

Nesse sentido, segundo Barthes (apud Pellegrini, 2007), o realismo não precisa ser uma cópia fiel ao que está havendo no mundo, mas contém referenciais que podem ser ligados ao mesmo, em grande parte, também leva consigo críticas sociais, assim como *Grandes Esperanças* e *Admirável Mundo Novo*, o último, sendo uma distopia, não aconteceu (ou acontece) da maneira em que é descrita, todavia, Huxley se utiliza de figuras de linguagem, da fantasia, e do imaginário para nos apresentar uma crítica social sobre o nosso mundo, assim como Dickens.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O texto narrativo é uma das características da Era Vitoriana constituindo-se como uma forma de expressão artística muito popular na época, mesmo em meio a tantas restrições morais, o que foi um fator marcante do período. Este fato denota o gosto burguês, que estava ávido por histórias de seu cotidiano, mas que não fossem contra a sua concepção de moral e boa conduta.

O leitor, por sua vez, deve estar se questionando: “o que é uma narrativa?”. De acordo com o dicionário digital Houaiss 2.0, pode-se afirmar que narrativa é

substantivo feminino: ação, processo ou efeito de narrar; narração. **1** exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens. **2** conto, história, caso. **3** o modo de narrar. **4** Rubrica: *literatura prosa literária (conto, novela, romance etc.), caracterizada pela presença de personagens inseridos em situações imaginárias; ficção.* **5** Rubrica: literatura. o conjunto das obras de determinado autor ou de uma determinada época, de um país etc.; ficção. Ex.: <a n. de José de Alencar> <a n. pós-moderna> <a n. italiana>. [grifos nossos].

Conforme pode ser observado, o texto narrativo é feito em prosa e possui personagens, podendo ser categorizado, por extensão, em: conto é uma narrativa curta com a presença de uma quantidade restrita de personagens e uma única ação; novela é uma narrativa intermediária, maior do que o conto e menor do que o romance; e o romance é um tipo de prosa mais longa e com número maior de personagens, podendo relatar aventuras, tecer uma crítica social ou ser de caráter intimista ou psicológica.

Por sua vez, no que concerne à estrutura, a narrativa se estrutura em cinco elementos: enredo, personagens, tempo, espaço e ambiente. Esses elementos promovem uma progressão na narrativa que levam a um desfecho que é exposto pelo narrador sobre a ação das personagens. Desse modo, Friedman (2002) organiza as tipologias de narrador em seis categorias: o autor onisciente intruso, narrador onisciente neutro, “Eu” como testemunha, narrador protagonista, onisciência seletiva múltipla e onisciência seletiva. A partir disso, destaca-se a importância do narrador, pois:

Não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história. Dois são os termos mais usados pelos manuais de análise literária para designar a função do narrador na história: foco narrativo e ponto de vista (do narrador ou da narração). Tanto um quanto outro referem-se à posição ou perspectiva do narrador frente aos fatos narrados. Assim, teríamos dois tipos de narrador, identificados à

primeira vista pelo pronome pessoal usado na narração: primeira ou terceira pessoa (do singular) (GANCHO, 2002, p. 26).

É, pois, no ato de narrar em primeira pessoa que se encontra a função desempenhada por Pip em *Grandes Esperanças*, que apresenta o texto. Assim, ele se constitui como um narrador-protagonista, pois não possui onisciência e contará ao leitor apenas o que sabe. Em outras palavras, ele relatará as suas impressões e percepções. Este tipo de personagem possui a peculiaridade de ter limitações no ato de sua descrição, pois não sabe o que as outras personagens pensam. Entretanto, ele pode alterar o distanciamento entre ele e o leitor, podendo se aproximar ou se distanciar do mesmo por meio da estória que está sendo contada.

Pip conta sua própria história olhando para o passado: às vezes, parecendo que conversa com o leitor sobre suas experiências, ao colocá-lo tão próximo da história, por meio de sentimentos, percepções, impressões, fazendo-o sentir o narrador. O leitor está a par de tudo o que acontece, como se existisse no romance, embora não haja a descrição dos sentimentos das outras personagens.

O romance carrega elementos nostálgicos, o tom descritivo do protagonista é melancólico e pessimista, é notório que o rapaz não consegue livrar-se das lembranças dolorosas e continua sofrendo por causa das mesmas.

Pip assume um papel responsável por cativar o leitor a crer na sua história e, mais que isso, a sentir-se como o protagonista, ainda que o faça sem perceber. É por causa dessa narrativa de Pip que o leitor desenvolve uma relação íntima com as demais personagens do enredo, pois, conta sua história com fortes marcações de sentimentos, características emocionais. Esse relato é tão bem elaborado que acreditamos em sua versão da história e nem notamos que tudo pode ser visto de diferentes ângulos, do ponto de vista das outras personagens.

É fato que Pip conta tudo de uma maneira exagerada; tudo o que ele conta vem em proporções demasiadas de drama, melancolia e até mesmo a sua ingratidão parece não ter fim. A melancolia pode vir junto com outras características também constatadas em Pip: perfeccionismo, instabilidade, autocomiseração. Essa característica mostra-se ainda mais enfatizada quando o menino visita a casa da Sra. Havisham, onde a presença do gótico ajuda o descritor a criar um cenário ainda mais nostálgico e doloroso. Podemos ver no seguinte trecho:

Pôs o caneco no pavimento de pedra no pátio, e deu-me o pão e a carne sem olhar para mim, tão insolente como se eu fosse um cachorro caído em desgraça. Eu estava tão humilhado, magoado, desprezado, ofendido,

zangado, triste – não consigo encontrar o nome exato para a dor – Deus sabe qual seria tal nome – que me vieram lágrimas aos olhos. (DICKENS, 2012, p. 108)

Na obra aqui estudada, ainda que estejamos ligados apenas e unicamente aos pensamentos e emoções do narrador-protagonista, Charles Dickens nos faz sentir como Pip, como se o leitor fosse o protagonista. Dessa forma, não sentimos a falta ou a necessidade de entender os estados mentais das outras personagens, pois a narração é tão bem colocada, assim como a escolha de palavras, que nos ocupamos demais carregando e compartilhando de sua melancolia (às vezes, muito evidenciada) onde não pensamos em como as outras personagens se sentem. Destarte, Pip conta como as personagens são ou o que sentem por si sob a sua própria ótica e assim o narrador expressa as suas impressões acerca dos outros.

4 ANÁLISE

O romance *Grandes Esperanças* conta como a personagem Pirrip, um garoto que mora na zona rural da Inglaterra criado pela irmã e o marido dela, um ferreiro chamado Joe Gargery, começa a ter vergonha de sua condição financeira e passa a criar expectativas de se tornar um nobre de Londres; além de também tentar conquistar o amor de Estella, a filha adotiva da Sra. Havisham, uma mulher rica que mora afastada da sociedade, e paga à família do jovem para que o leve para brincar em sua casa por algum tempo. A vida de Pip começa a mudar quando suas esperanças parecem se concretizar, então ele herda uma propriedade e dinheiro de um benfeitor misterioso. Ao sair do campo e ir para Londres, ele dá início aos seus estudos para se tornar um nobre.

Através das ações de Pip, iremos analisar como o jovem se transforma após começar a fazer parte da sociedade privilegiada de Londres. Quando se envolve com outros membros da sociedade abastada londrina, Pip enxerga seus antigos amigos como vulgares, após compará-los com seus novos companheiros e o seu novo estilo de vida, ambos completamente diferentes de seu antigo círculo social. Ao fazer isso, ele tenta esquece-los, marginalizando seu passado e amigos, principalmente Joe, o qual era considerado seu melhor amigo e companheiro no início da narrativa.

De início, conhecemos Pip como um pobre garoto que deseja se tornar ferreiro, assim como seu cunhado, Joe. O menino o vê como um exemplo a seguir,

ele é o seu melhor amigo, seu irmão, seu confidente. Após conhecer as regras do mundo capitalista, Pip começa a repensar sobre sua realidade, e agora Joe já não possui o estilo de vida que ele quer seguir. De fato, era mais do que rever e refazer seus sonhos, Pip havia sido “contaminado” com o desprezo de Estella para com os menos favorecidos financeiramente, e do mesmo modo que ela o tratava, o garoto aprendia e espelhava essas ações mesquinhas contra seus melhores amigos, Joe e Biddy, além de consigo mesmo, colocando-se para baixo, menosprezando a si e seu modo de viver.

Quanto mais o tempo passa, Pirrip aprende mais a ver como inferior seu estilo de vida e continua sonhando com uma realidade onde ele pode viver do mesmo jeito que Estella: vestir-se e portar-se da maneira que ela iria mostrar alguma admiração ou respeito por ele. Quando nada parece dar certo para que suas ilusões se tornem realidade, esses desejos e comportamentos são alimentados pela herança que Pip recebe; é como se menosprezar sua realidade estivesse resultando em conseguir o que quer, mudar de casa, mudar seus amigos, mudar sua vida.

Pip nos instiga e ganha nosso afeto no primeiro contato, ainda que a maioria de suas ações seja ingratas, mesquinhas, as quais são críticas à questão moral das falhas humanas. Como citado anteriormente, identificamo-nos com Pip, muitas das vezes ignoramos os que estão à nossa volta, os que nos ajudaram a alcançar certo patamar social e assim as suas ações são compreensíveis. As suas atitudes são compreensíveis, pois desde pequeno ele é imerso em um universo utópico que só onde o mesmo poderia fazer e ser o que quisesse caso fosse afortunado, quando seu sonho parece real, todos aqueles pensamentos de quando era menino voltam à tona, perdendo-se em sua imaginação, em suas esperanças, não enxergando o mundo real à sua volta. Podemos ver isto no seguinte trecho:

Agora eu não voltaria para Joe, não voltaria para Biddy, por motivo algum; simplesmente, creio eu, porque a consciência do meu comportamento desprezível para com eles era maior do que qualquer outro motivo. Nenhuma sabedoria deste mundo poderia me dar o conforto que me deveria ter sido proporcionado pela simplicidade e fidelidade deles dois; mas eu jamais, jamais, jamais poderia desfazer o que havia feito. (DICKENS, 2012, p. 444)

O leitor é induzido a compartilhar dos sentimentos de satisfação ou insatisfação vividos pela personagem, o que dificulta a visão geral da história. Contudo, assim como citado anteriormente, não sentimos a falta da visão das demais personagens, Pip encarrega-se muito bem de levar a história por si só, isso

se deve ao fato de ser exagerado, demasiado em tudo o que diz, faz ou pensa. A visão de mundo dele é bem detalhada, carrega informações e opiniões acerca de tudo o que nos é mostrado, também compartilha com o leitor seus sentimentos sombrios, nostálgicos, dolorosos.

O protagonista nos fornece muita informação, as histórias secundárias parecem não ter grande importância para o enredo principal, todavia, ao ler um pouco mais (principalmente a terceira parte do livro, onde tudo se desenvolve), o leitor descobre que tudo está interligado: que todas as escolhas, diálogos, por mais inocentes que pareçam, contribuem para o final, para o desfecho do romance, para o desenrolar dos fatos e como tudo está conectado, como uma grande teia de aranha.

No tocante à historicidade do romance, por meio da forma como Pip descreve a história, o leitor percebe que quanto mais uma sociedade se torna civilizada, no sentido de evoluir economicamente e tecnologicamente, mais o ser humano se afasta da sua "condição natural", ou seja, se corrompe. A Inglaterra encontrava-se na posição de país mais poderoso daquela época, mas as jornadas de trabalho eram absurdas, basicamente trabalho escravo. Não existiam leis que protegessem os trabalhadores, mulheres e crianças (trabalho infantil) recebiam muito menos que os homens, também. Povos de outros lugares, tais como os nativos do continente africano eram subjugados. As novas tecnologias não só mudaram o exterior como também o interior dos seres humanos, ao ponto dos mesmos se enxergarem dependentes de coisas que antes não lhes eram necessárias para a sobrevivência básica.

Diante disso, Pip também nutre expectativas de um futuro próspero que irá tirá-lo de sua precária condição financeira. Quando finalmente consegue o que almejou desde que visitou a Casa Satis, ele deixa para trás sua família e seu antigo estilo de vida, concentrando-se em apenas tornar-se um "nobre de respeito" para agradar Estella, chegando ainda a deixar sua personalidade ser guiada (ou influenciada) pelos que estão ao seu redor.

Na primeira parte do romance, com suas iniciais visitas à Casa Satis, Pip começa a sentir-se inadequado à medida em que a visita, começa a desejar que sua irmã fosse nobre e seu cunhado, Joe, um cavalheiro, assim o mesmo aprenderia com ele a tornar-se um. Os pensamentos de Estella passam a tornar-se também do

menino, o qual se encontra num posição na qual nunca havia reparado antes: ele não tinha nenhuma posse de valor, assim como a menina tinha e usufruía de tais.

Ao chegar à casa, faz-se notar a mudança do tom narrativo. Dickens inclui o gótico em seu romance e se pode perceber que naquele lugar sombrio o tempo é parado; na descrição de Pip, pode-se enxergar tudo o que ele descreve: sua angústia de encontrar-se ali; tem-se a sensação de que naquele local o tempo não passa, até porque os relógios também estão parados, a comida, ainda posta na mesa e a Sra. Havisham sentada ainda com seu vestido de noiva.

Isso remete ao passado que (não) queremos esquecer: tudo em nossa mente permanece do mesmo jeito, não conseguimos (ou não queremos) seguir em frente, e é nesse *loop* infinito que continuamos a ser assombrados pelos fantasmas do nosso passado. A partir desse ponto, o jovem vai gradativamente mudando de opinião sobre sua casa, suas vestes, e até mesmo sobre seus amigos, como Joe. Como ele mesmo cita, o comportamento de Estella de julgar os outros de maneira inferior e vulgar, o contaminou, e então desperta esse mesmo hábito da garota.

Aproveitei a oportunidade de estar sozinho no pátio e olhei para minhas mãos grosseiras e minhas botas ordinárias. Minha opinião a respeito desses acessórios não era favorável. Eles jamais haviam me incomodado antes, mas agora me incomodavam, por serem apêndices vulgares. Resolvi perguntar a Joe por que ele me ensinara a chamar de jotas aquelas cartas de figura que deviam ser chamadas de valetes. Pensei como seria bom se Joe houvesse sido criado como um cavalheiro, pois aí eu também teria sido criado assim (DICKENS, 2012, p. 108).

A fala de Estella nos remete à maneira como os pobres eram tratados quando se encontravam na casa dos ricos. Eram hostilizados por não possuírem os refinamentos de um nobre no que diz respeito à sua fala, ao seu andar, suas vestimentas, seu modo de comer; eram totalmente ignorados. Estella, sendo criada pela Sra. Havisham para ser tudo o que a solteirona projetava ser, era a personificação da arrogância, do desdém, principalmente pela criança com a qual brincava (de despedaçar seu coração) ser do sexo masculino e por vir de um lugar com bem menos posses financeiras.

Todos esses fatos são o reflexo de uma sociedade onde o *status* social define quem você é, ou o que pode ser, tudo está em suas mãos, em sua posse, se fizer parte da alta sociedade a qual Dickens tanto critica. A narrativa de *Grandes Esperanças* é um espelho da sociedade da qual o autor fazia parte, e ainda é tão aclamada pelos leitores e críticos atuais por se encaixar tão bem na nossa realidade.

'Ele chama os valetes de jotas, este menino!', exclamou Estella com desprezo, antes de terminarmos nossa primeira partida. 'E como são grosseiras as mãos dele. E que botas mais pesadas!'. Nunca me ocorrera envergonhar-me de minhas mãos; mas comecei a achá-las bem ordinárias. O desprezo de Estella era tão forte que se tornava infeccioso, e contaminou-me (DICKENS, 2012, p. 105).

Por conseguinte, quando Joe vai à Casa Satis, respondendo ao chamado da Sra. Havisham, Pip revela aos leitores a vergonha que sente de seu amigo. Não somente por suas vestimentas, mas também pelo seu modo de falar e como se dirigia a Sra. Havisham. Começamos a notar um sentimento de ingratidão, de desdém para com o próximo, presente ali desde que foi pela primeira vez à Casa Satis. É verdade que Estella o mudou por completo, daí temos uma noção de que Pip é uma pessoa volúvel e manipulável por aqueles que estão ao seu redor, que se deixa levar pelas impressões dos outros, sem considerar seus próprios pensamentos, adequá-los à sua realidade. Podemos ver no seguinte trecho:

[...] Creio que tive vergonha do meu amigo – *sei* que tive vergonha dele – quando vi que Estella estava atrás da cadeira da sra. Havisham, e que seus olhos riam travessos. Tirei o contrato de sua mão e entreguei-o à sra. Havisham (DICKENS, 2012, p.158).

O jovem imagina que não consegue mudar o seu futuro, e quando aparentemente consegue fazê-lo, deixa de lado seu passado, ainda que mantenha seu carinho por Estella, notabiliza apenas seus desejos, suas esperanças vivendo uma utopia em seu imaginário do que lhe é conveniente. Outro ato que comprova a mudança de Pip perante sua família e a sociedade é quando o jovem assume sua ingratidão para com Joe.

Em vários trechos do romance é fácil visualizar o muro que Pip construiu, separando o seu passado do seu presente, mas ainda assim ele volta à tona, de vez em quando, invadindo os seus pensamentos. É como se o rapaz quisesse esconder a Sra. Havisham que há dentro de si, aquela parte do nosso inconsciente que sempre irá nos lembrar de algo que não queremos, que está intacta. Vejamos um exemplo:

Ah, meu querido Joe, eu estava disposto a abandonar tão prontamente sem querer agradecer, vejo-te outra vez, com teu braço musculoso de ferreiro cobrindo os olhos, e teu peito largo arquejando, e tua voz morrendo aos poucos. Ah, querido Joe, sinto o tremor amoroso de tua mão em meu braço, tão solene ainda hoje como se fosse o roçar da asa de um anjo! (DICKENS, 2012, p. 210).

Fica evidente a sua ingratidão com o cunhado o qual fora um bom e honesto homem que o criou desde muito pequeno, quando não havia outro ser que quisesse sua companhia. Pip não só admite sua arrogância como também nos mostra que o dinheiro o mudou. Ao mesmo tempo em que se sente culpado, de nada adianta, pois Pip nada faz para consertar ou tentar amenizar o impacto de seus erros. Seus bens haviam se expandido, mas os valores que havia adquirido durante toda a vida estavam cada vez mais escassos.

Dickens faz uma crítica severa e direta ao capitalismo, mostrando que a ascensão social nem sempre vem para melhorar nossas vidas, no caso de Pip, o garoto é apenas um fantoche nas mãos dos nobres e nas mãos de seu benfeitor, partindo do pressuposto que o mesmo projetou seus anseios no menino que o ajudou. A sociedade da qual Pip tanto fez questão de se encaixar deslumbra o jovem e o incita a buscar mais dinheiro, mais aventuras, mais esperanças. Estas últimas, talvez, configuram-se pelo anseio de ter mais fortunas do que ele já possuía.

[...] Estava eu perdido nos labirintos de minhas fortunas futuras, e não poderia reencontrar as veredas que havíamos trilhado juntos. Implorei-lhe que se sentisse confortado, pois (como ele mesmo dizia) sempre havíamos sido melhores amigos, e (como eu dizia) assim seríamos para sempre (DICKENS, 2012, p. 211).

O jovem, mais uma vez, assume sua ingratidão para com Joe. Entretanto, não é só uma confissão, é uma constatação de que ele próprio sabe que o dinheiro o mudou, mesmo em relação ao seu “melhor amigo”, de quem prometeu sempre estar junto. O próprio diz não reencontrar o caminho para o sentimento antigo de afeto e se reconsolidar, mas sabe muito bem o que o fez parar de sentir afeição pelo homem que o criou na sua própria casa, como filho e amigo.

Na segunda parte do romance, a narrativa de Pip parece mudar, quando menino, deslumbrado pelas posses que a fortuna poderia lhe trazer, mostra-se ingrato para com Joe (e consigo) no que se refere à criação dada pelo mesmo, porém, esses pensamentos não saem de sua cabeça. Agora, ao deixar de lado sua vida no campo para ir tornar-se um nobre e pertencer à alta sociedade, essa ingratidão materializa-se em suas ações. Pip começa a fingir que seus amigos (Biddy, Joe) não existem, ele os deixa de lado e, quando pondera em visitá-los, é como se surgisse um bloqueio interior, impedindo-o de demonstrar afeto àquelas pessoas. Fica claro que ele tenta, de todas as formas, esquecer-los ou adiar sua

visita para o mais longe possível. Podemos enxergar esse tipo de ato no trecho a seguir:

Numa computação moderada, já se haviam passado muitos meses, naquele domingo, desde o dia em que me despedi de Joe e Biddy. O espaço em que me separava deles fazia parte desse distanciamento, e nosso charco parecia remotíssimo. Que eu pudesse ter ido à nossa velha igreja com minhas velhas roupas de domingo, naquele domingo último de todos, parecia uma combinação de impossibilidades, geográficas e sociais, solares e lunares (DICKENS, 2012, p. 266).

Ainda sobre essa questão da narrativa de Pip estar voltada a como ele estava há um (ou mais) patamar(es) acima dos outros, podemos inferir que até o restaurante o qual frequentava estava entre as suas conquistas e sentia-se orgulhoso disso: “Quando Herbert chegou, fomos almoçar numa casa célebre que na época me inspirava veneração [...]” (DICKENS, 2012, p. 267).

A narrativa da terceira parte do romance está voltada para o medo de Pip de perder toda a sua fortuna, assim que descobre (ainda na parte II) quem é de fato seu benfeitor, pondera deixar tudo para trás, mas, obviamente, não consegue. Ele já não mais se vê capaz de seguir em frente sem todas aquelas comodidades às quais estava mais do que acostumado. No entanto, ele já havia mergulhado em dívidas, comprando literalmente tudo o que via pela frente sem pensar no futuro, sem pensar que um dia sua herança chegaria ao fim, ou poderia ser retirada dele.

Foi sorte minha eu ter de tomar precauções para garantir (até onde isso me era possível) a segurança daquele terrível visitante, pois essa ideia, dominando minha consciência a partir do momento em que despertei, fazia os outros pensamentos permanecerem numa multidão confusa, à distância (DICKENS, 2012, p. 449).

Como visto no trecho citado anteriormente, ele passa a tentar esconder seu benfeitor, Magwitch, para que assim ele não seja perseguido. Podemos inferir que Pip, pela primeira vez após tanto tempo, está gradativamente se esquecendo de ser ingrato, mas o seu real objetivo era de que ele não seja prejudicado, ainda que o mesmo afirme que Magwitch era como se fosse seu irmão, seu pai. No momento em que o reencontra, o rapaz não pode mudar os sentimentos que teve quando o reviu: fica enojado com a origem da sua herança, sente repulsa do homem que fez de fato parte de suas expectativas, do homem que mais tarde consideraria seu pai.

Ainda confuso com tantos novos conceitos e novos sentimentos, Pip tenta ajudar Magwitch a fugir em um barco por um rio, e é exatamente nessa passagem na qual o rapaz não foca em seus pensamentos, em seus momentos de melancolia,

que Pip por um momento deixa de ser narcisista e passa a descrever, a pensar unicamente no que ocorre diante de seus olhos, relatando tudo com riqueza de detalhes, demonstrando sua real preocupação com Magwitch. Isto pode ser identificado no trecho a seguir:

[...] quando me sentei ao lado de Magwitch senti que doravante meu lugar seria sempre aquele, enquanto ele estivesse vivo. Pois agora a repugnância que ele me inspirava havia desaparecido por completo, e naquela criatura perseguida, ferida e acorrentada que tomava minha mão na sua eu via apenas um homem que pretendia ser meu benfeitor, e que fora afetuoso, grato e generoso para comigo com muita constância durante anos. Eu via nele apenas um homem que fora muito melhor do que eu fora para com Joe (DICKENS, 2012, p. 605-606).

No trecho citado, além de reconhecer Magwitch como seu benfeitor, amigo e companheiro, Pip também nos revela, finalmente, o quão ingrato e desrespeitoso fora com Joe, e até Abel havia sido uma pessoa mais generosa para com ele, do que ele fora para com Joe, que estivera sempre ao seu lado, apoiando-lhe, independentemente de seu *status* social, de suas posses, ou mesmo da sua repulsa tão notória, quanto ao mesmo.

Na versão original do final escrito por Dickens, Pip torna-se ainda mais melancólico, perdendo por completo suas esperanças de um dia, embora longínquo, casar-se com Estella, o rapaz não se imagina sequer reencontrando a moça pela qual tanto sofre(u). Quando finalmente se encontram depois de alguns anos, percebe-se que os dois estão imersos em tristezas, como o próprio Pip cita. Ele a perdoa por ter sido tão cruel com ele, logo que constata o sofrimento pelo qual a jovem também passou, por não ser capaz de amá-lo.

[...] gostei muito de ter tido aquele encontro, pois em seu rosto e em sua voz, e em seu toque, ela me deu a certeza de que o sofrimento fora mais forte do que os ensinamentos da Sra. Havisham, e lhe dera um coração para compreender como fora outrora o meu coração (DICKENS, 2012, p. 692).

Há um paralelo a ser feito entre Estella e Pip, ambos foram criados, esculpidos de acordo com os interesses de terceiros: Pip, ao receber a herança, estava destinado a ser um nobre, algo que Magwitch queria para si, mas considerava-se velho demais para isso, sendo assim, projetou seu sonho no menino que o ajudou há alguns anos.

Estella, por sua vez, fora ensinada a ser uma mulher elegante, que não se apaixonaria por homem nenhum e vingaria sua mãe adotiva. Estabelecemos um

padrão entre os dois benfeitores também, os mesmos não se achavam na condição de alcançar suas esperanças e, desse modo, moldaram seus pupilos para seguirem os caminhos que não trilharam ao longo de suas vidas. Inferimos que não somente Pip, mas Estella também fora moldada pela sociedade e seus ideais.

Quanto à mudança de Pip, Estella o afirma: “depois que a tua vida mudou, mudaste de amigos” (DICKENS, 2012, p. 332). Podemos observar que até a própria Estella percebe a brusca mudança de comportamento de Pip, logo que a sua vida financeira muda, o jovem rapaz acompanha essa mudança, deixando de lado seu passado, e os amigos que estiveram com ele durante toda a sua infância e juventude.

A diferença entre o desprezo de Pip e a arrogância de Estella é que o narrador-protagonista, desde muito antes de herdar a fortuna, trata Joe, Bidley, e qualquer outro pobre que venha a conhecer com indiferença. Logo que muda para a cidade, isso apenas se intensifica cada vez mais, até mesmo com o seu benfeitor, Magwitch, Pip age com desdém, com nojo e asco. Já Estella, diferentemente do jovem rapaz, cresce com tudo o que ela quer em suas mãos; a menina é grata à sua mãe adotiva por isso, ainda que a culpe por tê-la criado insensível, pois sem a Sra. Havisham ela não imaginava onde poderia estar. Vejamos no seguinte trecho:

A senhora há de saber, pois sou o que a senhora fez de mim. Todo o mérito é seu, e toda a culpa também; todo o sucesso é seu, e todo o fracasso; em suma, sou sua. (DICKENS, 2012, p. 418).

Quando Pip finalmente deduz que suas esperanças impediram-no de enxergar o que estava acontecendo ao seu redor, o jovem entende que não apenas ele mudou, mas as pessoas com as quais ele sempre esteve e (antes de esnobá-las por causa da fortuna que ganhara) pessoas que sempre o respeitaram também haviam mudado em relação a ele. Estella não era mais “sua”, a sra. Havisham agora o vê como ele realmente é: egoísta, arrogante e prepotente. Tudo o que havia feito, tudo o que havia conquistado, não era de fato seu, nada valia a pena, após inferir isso. Podemos ver isso no trecho abaixo:

As intenções da sra. Havisham a meu respeito, tudo apenas um sonho; Estella, não mais destinada a mim; na casa Satis eu não passava de um utensílio, um punitivo para parentes ávidos, um modelo com coração mecânico para servir de objeto na falta de outros; essas foram as primeiras pontadas de dor que senti. Mas a dor mais intensa e profunda de todas – fora por causa do forçado, culpado de sabia-se lá quais crimes, que podia a qualquer momento ser retirado daqueles aposentos, onde eu estava a

pensar, e ser enforcado junto à porta de Old Bailey – era que eu abandonara Joe (DICKENS, 2012, p. 443).

Além disso, o rapaz infere que é vazio, sem coração e não passa de um ser qualquer, para ser usado em momentos de prazer e para servir de brinquedo para Estella “quebrar seu coração” como diz a Sra. Havisham, assim como usou seus amigos também, mas por interesse, bem como momentos de bonança.

Além do mais, Pip percebe que tudo isso não se compara à dor de ter abandonado seu amigo fiel, Joe. Ainda que Pip tente voltar para o campo, para visitar seus velhos conhecidos, o jovem não consegue sequer pensar nisso por muito tempo; sua mente logo se ocupa com outra coisa, para não pensar nisso, para não se sentir culpado, ainda que saiba que foi o único responsável por ter abandonado seus companheiros. O sentimento de culpa o invade e ele fica reproduzindo as cenas de melancolia em sua cabeça, como uma tortura; parece que ele quer se castigar por ter causado tanto sofrimento aos que ele tanto estimava.

Uma das maiores indagações do romance é, de fato, quem é o benfeitor de Pip: Seria Magwitch, por ter lhe dado uma herança que mudaria sua vida por completo? Ou seria Joe, seu (um dia) amigo e companheiro, que está sempre ao seu lado, mesmo que Pip o ignore e o enoje, ao ascender financeiramente? Joe continua ao seu lado, ainda quando ele perde sua fortuna. Pois antes de conhecer o mundo capitalista, industrial, antes de visitar a Sra. Havisham, Pip queria torna-se aprendiz de Joe, figura que ele admira muito e em quem não enxerga fraqueza alguma. Porém, logo que o garoto é atingido pela noção da falta, fica sujeito ao desejo de ser possuidor de algo e de tornar-se dono de si. Ele reconsidera tudo o que um dia sonhou e molda suas expectativas de acordo com o que o capitalismo doutrina ser o ideal, ele não mais vê a si como aprendiz de Joe, pelo contrário, ambiciona algo muito maior do que já possuía.

É perceptível que Pip não se sente confortável em nenhuma situação que se encontra. Ele diz a si mesmo que é um covarde, pois essa é a forma como ele se vê e nunca será suficiente para si. Ambicioso, sempre quer mais de tudo e qualquer coisa, ainda que não consiga obter o que quer, vive preso e estagnado em suas esperanças, em seus sonhos para um futuro que não chegará, o qual só existe em sua imaginação. No primeiro desfecho do romance, ele está ainda mais mergulhado em sentimentos depressivos, sem esperanças, sem perspectivas, longe de qualquer contato com a cidade, que um dia ele chamou de lar.

Ainda com a culpa de ter trocado seus amigos por uma vida confortável cheia de luxos como um nobre, por tê-los usado para tal, notamos uma similaridade entre Pip e a Sra. Havisham, que assim como o rapaz não deixa de se atormentar com as lembranças de um passado doloroso. É como se ele fosse a Sra. Havisham, e a sua mente a Casa Satis, onde o relógio não funcionava, o tempo parece estar estagnado, e tudo ao seu redor remete ao seu passado doloroso que não o deixa seguir em frente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos perceber, a crítica social de Charles Dickens em seu romance retrata a realidade da época em que foi escrito, uma vez que o autor enfatiza os elementos melancólicos e pessimistas na narrativa, característica do Romantismo, junto com o Realismo, literalmente enfrentando a sociedade vitoriana, ao criticá-la tão abertamente em suas obras.

Pip é o espelho da sociedade retratada no romance, a princípio ele é alguém que valoriza suas amizades e laços afetivos, mas assim que tem o contato com uma realidade diferente, em seu ponto de vista, superior à sua, os sentimentos de inferioridade por causa de sua condição financeira começam a invadir seus pensamentos. E é logo quando ele tem a oportunidade de tornar-se o que desejou desde garoto que suas opiniões mudam acerca dos que lhe rodeiam, daqueles que sempre estiveram ao seu lado, independentemente de seus *status* social.

Dickens contribui significativamente para entendermos melhor como funcionava a sociedade inglesa no século XIX, sendo um dos pioneiros e mais importantes autores a tratar do tema na época, além de ter sido um dos poucos escritores/artistas a ter suas obras reconhecidas ainda em vida.

A representação da sociedade por meio da literatura representa uma visão de mundo internalizada pelo pensamento do autor, sua visão de passado, presente e futuro, dos objetos, do tempo e espaço criados da sua imaginação ou pela sua realidade vivenciada através dos tempos. Muitas vezes, ao fazer a leitura dessas obras, os indivíduos se deparam com suas próprias histórias de vida dos seus escritores ou de suas famílias, amigos e sociedade onde vivem ou viveram, assim como acontece com Dickens e *Grandes Esperanças*.

Observamos que a percepção de Pip ao longo da narrativa nos mostra a personalidade dele mesmo e das personagens sob sua ótica, como podemos notar que a Sra. Havisham representa o valor exagerado que damos ao passado, ao qual nos prendemos, ignorando e excluindo as possibilidades de um futuro melhor, construído a partir desse passado e ao superá-lo. Estella como o nosso alterego, superestimado sobre si e tudo que ignoramos. Pip poderia ser dividido em três sentimentos: o primeiro, o medo do desconhecido, do diferente, mas ao mesmo tempo, uma vontade gigantesca de mudar de vida. O segundo, a vitória ao conseguir o que tanto almejava, porém, por ser algo imensurável, ficamos alucinados com a conquista, que excluimos qualquer chance de perdê-lo, fazendo escolhas erradas que nos levam a esse caminho de qualquer forma. E, por último, a decepção, a melancolia, o desapontamento de antes voltam a habitar nossa mente de novo, dessa vez ainda mais desagradáveis, por ter conseguido o que queria, mas perdido logo após.

Nós também somos Pip, Estella e a Sra. Havisham, por essa razão podemos desenvolver certa aversão a esses personagens, mesmo que sem perceber. Perguntamo-nos a razão de eles não mudarem e isso também está intrinsecamente ligado à nossa personalidade, sendo que muitas vezes não percebemos o que estamos fazendo, as más escolhas que fazemos.

Através da análise do narrador-protagonista, conseguimos entender um pouco mais do que se passa na mente de Pip: o que ele almeja; como é sua visão sobre a sociedade; seus desejos, sua culpa, a força do capitalismo na época, seus parentes, amigos, conhecidos, seu benfeitor e, principalmente, o que pensa e sente sobre si.

Concluindo, temos a análise da sua percepção durante as três fases principais da obra: o desejo de tornar-se um cavalheiro, Pip como um nobre, Pip sem sua fortuna, sem suas esperanças. Por conseguinte, como suas ações foram induzidas e moldadas pela sociedade que cobrava cada vez mais do rapaz por tentar ascender socialmente, perdendo-se em seus anseios. Estabelecemos relações de similaridade e, ao mesmo tempo, paralelos entre Pip e Estella, partindo do pressuposto que os dois foram criados para realizar o sonho de terceiros, muito embora por motivos distintos.

CAPITALISM'S INTERFACES IN *GREAT EXPECTATIONS*

ABSTRACT

This article takes an approach to how Pip's personality changes as he climbs socially and Charles Dickens' social critique in his *Great Expectations*. This analysis is being developed by perceptions and comments made by the first-person-narrator through his contact with people who only seek for wealth and how this fact can shape the personality of a boy residing in rural England. Therefore, we develop a bibliographic research using the contributions of authors such as Catani (1981), Ligia Chiappini (1985), Pellegrini (2007), Daniel Puglia (2008), among others. Throughout the narrative, it is noticed that the main character begins to know what the capitalist world can offer and creates illusions with those possibilities, producing expectations about a successful future, which will bring great achievements and possessions. These expectations become reality, in part; but on the other hand, the young man leaves behind his friends and family, treating them as inferior, using them for his own interests. Although he notices this drastic change in his personality, the boy does nothing about it, for the reason that being a London nobleman is beyond any affective bond. Understanding too late that in fact, he is not the owner of anything that he was so proud of, much less he was the owner of the love of Estella, the girl he fell in love with as a child, responsible for making him dreamy and for losing himself in his high hopes.

Keywords: Capitalism; Social Critique; Personality;

REFERÊNCIAS

- CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo. Coleção primeiros passos.** 7ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1981.
- CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da Literatura Inglesa.** 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- DICKENS, Charles. **Grandes Esperanças.** Tradução de: Paulo Henriques Britto. 1ª Ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção – O desenvolvimento de um conceito crítico.** Tradução de: Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Revista USP, nº 53, p. 166-182, 2002.
- GANCHO, C.V. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Ática, 2002.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Eletrônico. Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007. CD ROM, Versão 2.0a.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão).** São Paulo: ática, 1985. Série Princípios. (p. 25-70)
- NICOLI, Augusto Gravatá P. (2015). **Grandes Esperanças em um Mundo de Injustiças: Interface entre Amartya Sen e Charles Dickens.** *Revista da Faculdade de Direito – UFPR*, 39-59.
- PELLEGRINI, Tânia. **Realismo: Postura e método.** Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, dezembro 2007.
- PUGLIA, Daniel. **Charles Dickens: Um escritor no centro do capitalismo.** São Paulo : Serviço de Comunicação Social. FFLCH/USP, 2008. 109 p. (Produção Acadêmica Premiada)
- SILVA, M., & MOREIRA, M. (2009). **A Crítica Social de Charles Dickens nas obras “Grandes Esperanças” e “Oliver Twist”.** *Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação*, 126-134.
- TENFEN, Maicon. **A narrativa, o foco e o tempo: Eis as questões.** Ilha de Santa Catarina, 2006. (p. 27-84; 147-171)
- WATT, Ian. **A ascensão do romance.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.